

OS DISCURSOS DE VIRILIDADE DO PRESIDENTE “IMBROCHÁVEL” NAS CELEBRAÇÕES DA INDEPENDÊNCIA

*THE VIRILITY SPEECHES OF THE “NEVER LIMP” PRESIDENT ON BRAZIL’S
INDEPENDENCE DAY CELEBRATIONS*

*LOS DISCURSOS DE VIRILIDAD DEL PRESIDENTE “INQUEBRANTABLE” EN
LAS CELEBRACIONES DE LA INDEPENDENCIA.*

DOI:10.26512/ser_social.v27i57.51124

Maurício da Silva Duarte

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5893-0214>

Lattes: https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=086289BD413359A410D225378D392BF4

Email: dmausage@gmail.com

MINIBIO: Pós-doutorado na ECO-UFRJ, em 2023/2024 e em 2013/2015, ambos sob a supervisão da Profª. Drª. Marialva Carlos Barbosa. Graduado em História (UFF), e em Jornalismo (UFF). Mestre em Sociologia (SBI/IUPERJ) e doutor em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ). professor de Comunicação Social da Universo-Niterói. Trabalha na Escola Judiciária Eleitoral do Rio de Janeiro. Integrou a linha de pesquisa “Democracia em Redes” do I Grupo de Pesquisa do Tribunal Superior Eleitoral (2024). Possui formação em Psicanálise pela Escola de Psicanálise Laço Analítico (sede do Rio de Janeiro). Tem experiência como pesquisador na área de Comunicação, com ênfase em Análise do Discurso e Teoria e Ética do Jornalismo.

Danielle Ramos Brasiliense

Orcid: orcid.org/0000-0002-9523-9836

Lattes: lattes.cnpq.br/6652374537379540

Email: dabrasiliense@gmail.com

MINICURRÍCULO: Professora Associada do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura UFRJ. Pesquisadora do IDEA/Laboratório de História dos Sistemas do Pensamento e do Núcleo de Estudos e Projetos Comunicacionais (NEPCOM/ECO/UFRJ). Pós-Doutorado na França, Université de Versailles Saint-Quentin de Yvelines no Centre d'Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines. Doutora e Mestre em Comunicação e Cultura. Graduação em Jornalismo. Coordenadora do Laboratório de Mídia e Violência. Autora dos livros: “A mídia, o perverso e o gosto da violência”; “Quando o filho mata o pai: as narrativas dos crimes de parricídio que abalaram o Brasil” e “A Chacina da Candelária e as memórias narrativas de O Globo”. Pesquisas nas áreas de: mídia e cultura; sociabilidades; práticas socioculturais, identidades culturais; estigma; cultura da violência; cultura do controle e ordem social; discurso e memória; psicanálise, violência e trauma; comunicação e gênero.

Leonardo Seixas Machado de Aguiar

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8811-9078>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5844563408142617>

Email: falarcomleo@hotmail.com

MINICURRÍCULO: Doutorando em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ (2023), bolsista CAPES com pesquisa em estudos de gênero cujo objeto é a relação entre masculinidade e cultura sertaneja brasileira; Mestre em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense (2020). A dissertação tratou da relação entre felicidade compulsória e sofrência (gênero musical variante do sertanejo contemporâneo). Como bolsista CAPES (Mestrado), fez estágio de docência lecionando a disciplina Gênero e Comunicação do curso de Comunicação da UFF. Possui graduação em Abi - Letras Português/Francês também pela Universidade Federal Fluminense (2010). Professor de Línguas Estrangeiras Modernas (inglês-Cambridge e francês-UFF). Participação em congressos de Comunicação e publicações em anais, revistas acadêmicas e capítulos de livros tratando de temas culturais e masculinidades. Também é autor de livros voltados ao público infanto-juvenil.

RESUMO

Este artigo analisa discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro que reforçam os ideais de virilidade heteronormativa em duas comemorações da Independência do Brasil, no dia 07 de setembro de 2021 e 2022. No primeiro, arma-se um teatro para um possível golpe contra o STF e, no segundo, a potência sexual do então presidente ganha centralidade num discurso público. Com promessas heroicas, Bolsonaro usou estratégias discursivas que aproximaram seguidores conservadores, majoritariamente homens brancos heterossexuais cisgênero. Nosso objetivo é identificar as falas que reiteraram a virilidade do líder político colocando-o numa posição de mito. Para isso, usaremos o método da análise crítica do discurso, de Fairclough (2001), a fim de compreender as construções ideológico-discursivas produzidas para captar novos eleitores e reforçar identificações com seguidores. As metáforas presentes nesses discursos desvelam a emergência e difusão do fascismo ancorado na cultura de uma masculinidade tóxica, um gatilho de identificação para uma sociedade machista patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE

Masculinidade; 7 de setembro; Bolsonaro; democracia; direitos humanos.

ABSTRACT

This article analyzes speeches by former President Jair Bolsonaro and the reinforcement of heteronormative virility ideals in two Independence Day celebrations in Brazil, on September 7th of the years 2021 and 2022. In the first, a theatrical performance is staged for a possible coup against the Supreme Court, and in the second, the sexual potency of the then-president takes center stage in a public speech. With heroic promises, Bolsonaro employed discursive strategies that drew closer conservative followers, predominantly white heterosexual cis gender men. Our objective is to identify the speeches that reiterated the political leader's virility and positioned him as a myth. For this work, we will use Fairclough's (2001) critical discourse analysis method to understand the ideological-discursive constructions crafted to attract new voters and reinforce identifications with followers. The metaphors presented in these speeches reveal the emergence and spread of fascism rooted in a toxic masculinity culture, a trigger for identification in a patriarchal, misogynistic society.

KEYWORDS

Masculinity; September 7th; Bolsonaro; democracy; human rights.

RESUMEN

Este artículo analiza los discursos del expresidente Jair Bolsonaro y el refuerzo de los ideales de virilidad heteronormativa en dos celebraciones de la Independencia de Brasil, el 07 de septiembre de 2021 y 2022. En el primero, se monta un teatro para un posible golpe de Estado contra el Tribunal Supremo y en el segundo, se pone de manifiesto la potencia sexual del entonces presidente en un discurso público. Con promesas heroicas, Bolsonaro utilizó estrategias discursivas que unieron a seguidores conservadores, en su mayoría hombres blancos heterossexuales cisgénero. Nuestro objetivo aquí es identificar los discursos que reiteraron la virilidad del líder político y lo situaron en una posición de mito. Para este trabajo, utilizaremos el método de análisis crítico del discurso, de Fairclough (2001), con el fin de comprender las construcciones ideológico-discursivas producidas para atraer a nuevos votantes y reforzar las identificaciones con los seguidores. Las metáforas presentes en estos discursos revelan la emergencia y propagación del fascismo

anclado en la cultura de una masculinidad tóxica, detonante de identificación para una sociedad patriarcal machista.

PALABRAS-LLAVES

Bolsonaro; democracia; derechos humanos; Masculinidad; 7 de septiembre.

Introdução

E assim nos vimos diante de pretensões irracionais do tipo “imorrível, imbrochável, incomível”. Até as democracias consolidadas do século XXI sentiram o recrudescimento de fenômenos sociais e políticos que afetaram, eu diria, o psiquismo em nível coletivo, gerando nas massas novos ódios e novos medos, de viés surpreendente para quem sonhava com um mundo menos desigual e uma humanidade mais consciente (TREVISAN, J. Silvério, 2021, p. 7)

Por diversas vezes durante seu mandato, o ex-presidente Jair Bolsonaro dizia ser “imbrochável, imorrível e incomível”. Esse discurso sobre a virilidade masculina heteronormativa do antigo líder do governo brasileiro marcou toda a sua trajetória pública. Foi comum ver na campanha eleitoral do ano de 2018 cenas em que ele se manifestava com armas nas mãos dizendo que iria metralhar as pessoas que votavam no Partido dos Trabalhadores, ou fazendo exercícios de flexões no chão, junto a militares, para exibir midiaticamente sua força e vitalidade. Em entrevistas dadas em anos anteriores, há depoimentos homofóbicos e machistas, como “o filho começa a ficar gayzinho, leva um coro, ele muda o comportamento”, ou quando disse ter fraquejado ao colocar no mundo a sua única filha, Laura Bolsonaro, após ter tido outros quatro filhos homens.

Das falas que deram visibilidade a Bolsonaro como um exemplo de masculinidade e misoginia, uma de maior repercussão foi a ameaça de agressão à deputada Maria do Rosário, ao dizer que ele “jamais a estupraria porque ela não merecia”. O histórico de performances misóginas e midiáticas do líder da extrema-direita brasileira inclui a repugnante humilhação infligida à ex-presidente Dilma Rousseff, na sessão da Câmara Federal que aprovou a admissão do processo de impeachment, em 17 de abril de 2016. Ao votar, o então deputado federal Jair Bolsonaro homenageou o coronel Brilhante Ustra, homem responsável por conduzir as sessões de tortura contra a jovem Dilma Rousseff quando ela participava da resistência armada à ditadura empresarial-militar instaurada no Brasil em 1964. Bolsonaro ainda fez questão de se referir a Ustra como o “terror de Dilma Rousseff”, com plena consciência de que ela assistia a tudo do Palácio da Alvorada, sede do governo.

Já eleito presidente do país, durante a pandemia de Covid-19, ele disse: “Não adianta fugir disso (...) Tem que deixar de ser um país de maricas; essa é uma realidade, o vírus está aí, vamos ter que enfrentá-lo, mas enfrentar como um homem, porra, e não como moleque”. Consideramos essencial refletir sobre discursos que propagam a misoginia e reforçam o lugar do heterossexual cisgênero.

Discutiremos os problemas que associam os discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro a *performances* que encenam uma interpretação da cultura sobre a sexualidade masculina “imbrochável” como símbolo fundamental do machismo. Tais performances têm por característica a propagação da violência por uma ideia de força, domínio e poder dos homens absolutamente hegemônicos e privilegiados em relação a outros gêneros.

Trabalhar essas questões é uma forma de contribuição para as reflexões contemporâneas sobre o crescimento da violência de gênero no Brasil, que ampliou durante os quatro anos do governo do presidente Bolsonaro, o já elevado índice de feminicídios e de assassinatos de travestis e pessoas trans, quando o país já ocupava o sombrio lugar de nação com o maior número de crimes de ódio contra pessoas LGBTQIA+. Em 2022, último ano do governo Bolsonaro, houve um aumento de 5% nos casos de feminicídio ¹ com relação ao ano anterior, enquanto, no mesmo ano, 273 pessoas LGBTQIA+ morreram de forma violenta².

O objetivo deste artigo é analisar as falas de Bolsonaro e entender as estratégias usadas para exaltar a cultura patriarcal normativa como um pilar da ordem social, um espaço que está ameaçado pelo empoderamento de movimentos sociais e emergência afirmativa de outros estilos de vida que fogem à normatividade hegemônica. Nossa hipótese é de que o bolsonarismo fez uso desses conteúdos dentro de uma estética discursiva de encenação midiática para produzir ou reafirmar identificações nos grupos de seguidores mais fiéis, sobretudo homens heterossexuais cis gênero brancos.

Estamos falando de uma aposta na projeção de masculinidade branca e heteronormativa em governos conservadores nesses tempos de neoliberalismo. Há uma ascensão dessas performances nas diversas democracias do mundo nos últimos anos (Brown, 2019). Wendy Brown em seu livro *Nas ruínas do neoliberalismo* fala sobre um novo populismo de extrema direita que está novamente sendo alimentado pelas mesmas causas nazistas com a expurgação e rejeição à diferença de minorias como pobres, negros, mulheres, gays ou imigrantes. Existe uma vontade de permanência da ideia universal sobre famílias burguesas cristãs heterossexuais e brancas que mantêm o seu lugar hegemônico e a subalternização de pessoas pobres e negras, especialmente. O reforço de propagação da virilidade é fundamental para manutenção do lugar dessa hegemonia que se fundamenta na cultura do patriarcado.

Nosso interesse, então, é pensar as representações socioculturais e políticas que estruturam a linguagem e os sujeitos na fase de liderança conservadora, representada pela ascensão do bolsonarismo. Também entender as ofertas de sentido que construíram múltiplas identificações nos eleitores, a ponto de falas violentas, machistas, homofóbicas e misóginas se manifestarem em posição de destaque na esfera pública, recorrentemente disfarçadas sob o alibi de irreverência ou autenticidade.

O projeto político do governo Bolsonaro era a instauração de um regime autoritário no Brasil, celebrado como “revolução”. O bolsonarismo enxergava obstáculos a serem

1 Ver: <https://ibdfam.org.br/noticias/10570/Brasil+bate+recorde+de+femicidio%C3%AD-dios+em+2022%2C+aponta+levantamento>

2 Ver: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/dossie-apresentado-ao-mdhc-indica-273-mortes-de-lgbtia-no-brasil-em-2022>

superados nas instituições democráticas, liberdade de imprensa, tripartição de poderes, liberdade de cátedra, direito ambiental, direitos humanos e igualdade de gênero e raça. O centro da ação política voltou-se para a degradação das garantias institucionais e o rebaixamento da política “ao plano da violência bruta”, como sintetiza Gabriel Feltran (2021).

Bolsonaro incentivou o armamento da população civil, dando poder a entidades de Colecionadores e Caçadores para a ampliação do porte de armas e de seus arsenais. Também estimulou a ideologia da autonomia policial, empoderando as frações mais radicalizadas das entidades policiais.

Trata-se, portanto, de um regime de poder amparado numa masculinidade tradicionalista e no confronto aos direitos humanos universais, ainda que colocassem isso como uma guerra justa, onde temos os cidadãos de um lado, protegidos por policiais heróicos, enquanto do outro, os bandidos (Feltran, 2021), categoria que a ideologia policial estendeu a esquerdistas, ateus, depravados, comunistas imaginários ou demônios que instigam todos os anteriores. Boa parte da construção mais ampla da categoria de bandido deve-se a uma aliança conservadora desses agentes policiais com denominações evangélicas que operam em áreas de periferia. Essa base conservadora cultiva a masculinidade e seus ideais de virilidade como mecanismos de auto afirmação e identidade. Um exemplo disso é o papel da figura do ‘varão’ dentro da ideologia evangélica.

O processo histórico discursivo dos corpos másculos, fortes, grandes, bem-dotados ou viris, pelo qual o gênero masculino tem sido gerado, apresenta-se em contrapartida aos discursos sobre corpos ditos frágeis. O corpo tem lugar importante na busca pela diferenciação entre o masculino e o feminino, sendo representada num corte de cabelo, no jeito de andar, na definição da musculatura ou no uso de pêlos corporais e faciais, por exemplo. Essas normas fazem com que os indivíduos masculinos que se aproximam mais de características femininas sofram restrições sociais ou sejam considerados desviantes (Bourdieu, 2012).

O trabalho de reforço da virilidade cria questões sobre a honra e a força masculina a partir da ideia de hierarquização, não apenas sobre o gênero feminino, mas também sobre os homens afeminados. Compreender essa dinâmica a respeito da produção narcisista e perversa das masculinidades é essencial para pensar as consequências da cultura patriarcal, seus privilégios sociais e, especialmente, as violências praticadas. Apenas entendendo como se processam tais discursos podemos complexificar e ressignificar os processos históricos sobre a masculinidade.

“O patriarcado não é um universal insuperável ou uma guerra eterna cujos soldados são distribuídos em exércitos baseados em sua genitália, mas apenas um modo temporário de organização social» (Ambra, 2021). Inclusive, quanto mais estudamos e colocamos em prática pesquisas sobre as questões de gênero, certificamo-nos de que os mitos históricos do patriarcado e do homem viril são cada vez mais questionados. Por isso, precisamos identificar os fantasmas dessa cultura masculina, com raízes profundas no psiquismo social, para desmascará-los até que deixem de existir com suas potências assombrosas e violentas marcadas por assédios, estupros e assassinatos. Só assim per-

ceberemos que “ser homem” é um processo de transformação, e não uma identidade fixada no tempo.

A performance eleitoral do ex-presidente Bolsonaro não pode ser explicada sem a compreensão das estratégias discursivas utilizadas para mobilizar sua base de apoio, um eleitorado expressivamente masculino que se aliava à ideia de intimidar instituições democráticas. Observamos em especial como esses discursos moldaram novas formas de trazer à cena pública a própria potência sexual e virilidade masculina do então presidente, reiterando sua liderança sobre considerável parte da população brasileira.

Para entender mais claramente essa questão, iremos nos dedicar à análise de dois episódios políticos que ocorreram sob o álibi de comemoração patriótica da independência do Brasil, os discursos dos dias 7 de setembro dos anos de 2021 e de 2022. Escolhemos essa data por ser uma das mais significativas na história do país, não apenas por se tratar do momento de libertação da colônia portuguesa em 1822, mas por carregar uma narrativa historicamente reforçada por décadas nas literaturas clássicas do Brasil, nas quais se conta a história como se fosse uma chance de transposição de poder dada apenas pelo imperador D. Pedro ao colonizado. Com base na arte do quadro de Pedro Américo, o dia 7 de setembro foi popularizado pela imagem mitológica do imperador, um homem branco de descendência européia, com sua espada erguida, como um símbolo fálico de poder e vitória na guerra, proclamando heroicamente a famosa frase radical “Independência ou morte”, um basta à sua origem portuguesa, concedendo a independência ao povo, dizendo que, a partir daquele dia, as coisas mudariam e que ele se dedicaria a essa promessa.

Diante dessa performance, fala-se pouco da conexão que esse episódio tem com as revoltas separatistas da época, como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana, fundamentais no processo de libertação do Brasil Colônia. Também não está nos discursos memoráveis sobre a Independência a ação da esposa de D. Pedro, a princesa Leopoldina, que, enquanto seu marido viajava, convocou uma reunião extraordinária com os membros do Conselho de Estado, no dia 2 de setembro, e assinou a ata da reunião em que ficou decidido que o Brasil não precisava mais se submeter à coroa portuguesa. Portanto, dias antes do príncipe regente decretar, no dia 7, qualquer coisa, sua companheira já havia resolvido tudo burocraticamente, e o Brasil, portanto, já era oficialmente independente.

Mas o que permanece no imaginário social como num resumo da história da independência de nosso país é a figuração de D. Pedro com sua espada “imbrochável” na mão, numa postura viril e emblemática libertando seu país. Além disso, é uma data que tem uma simbologia patriótica, um feriado nacional comemorado por militares que marcham e desfilam até hoje para lembrar a heroica postura do potente exército que conquistou a liberdade do país. Homens fardados e vestidos com sua virilidade arcaico-patriarcal.

Esse cenário brilha no imaginário coletivo dos brasileiros de modo geral na forma de um conceito conhecido como “cultura de história” (Pimenta *et al.*, 2014) que pauta os valores sociais dos brasileiros e que é apropriado e exaltado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro sob as mesmas intenções, de marcar a sua força por ameaças e promessas de mudanças radicalizadas pelo símbolo de armas e falas brutas que instigam destemidos a

se conectarem, não a uma ideia original, mas à sua própria consciência histórica do que é a liberdade de uma nação: machismo, violência, misoginia e antidemocracia.

Para refletir sobre os discursos de Jair Bolsonaro dos dias da Independência usaremos como método a Análise Crítica do Discurso do linguista britânico Norman Fairclough (2001), buscando compreender as construções ideológico-discursivas do presidente relacionadas à cultura da masculinidade heteronormativa.

O ‘teatro’ político do 7 de setembro de 2021

Em entrevista à BBC News Brasil, a especialista em democracia e regimes autoritários na América Latina, particularmente no Brasil, a cientista política Amy Erica Smith classificou as manifestações lideradas por Bolsonaro em 7 de setembro de 2021 como um possível “teatro político”. A comemoração do 199º aniversário da independência do país derivou para um protesto contra o Supremo Tribunal Federal e o processo eletrônico de votação sem voto individual impresso. Smith destacou que Bolsonaro demonstrou força por ter atraído milhares de pessoas e atenção midiática. Mesmo que tenha ficado clara a radicalização do discurso bolsonarista e o interesse em liderar um golpe, o evento deixou explícito também que não havia condições de ocorrer uma ruptura institucional naquele momento político do país.

A tese dela, explicitada na entrevista à BBC News Brasil, é que a manifestação foi parte de uma estratégia “para tentar atrair mais pessoas para o seu lado e viabilizar um golpe¹”.

O que eu acho que Bolsonaro está fazendo é deliberadamente mostrando que seu interesse é golpista e tentando arregimentar pessoas para sua causa. Isso é mais um alerta do que ele gostaria de fazer se conseguisse obter mais poder. E eu acho que foi uma tentativa também de satisfazer alguns de seus apoiadores mais radicais, que pediam por esse tipo de comportamento. Ao mesmo tempo que mandava uma mensagem para atender a expectativa de apoiadores e reforçar laços, ele procurava “intimidar o Supremo e o Congresso” (SMITH, 2021)³.

Sob essa perspectiva, podemos dizer que o comportamento de Bolsonaro frente ao Supremo Tribunal, como referência de última instância a ser abalada na escala de poderes instituídos no Brasil, seria a de se colocar como o único homem, assim como uma versão moderna de D. Pedro I, no lugar de chefe de estado, um novo libertador, com coragem de destruir uma instituição que se apresenta nas regras da lei como suprema. Bolsonaro se coloca no lugar de uma nova virilidade, aquela que desafia e enfrenta a ordem, que não negocia e que age com violência e ameaças.

Seus discursos, nessa época, eram dirigidos aos homens, especialmente os que se conectam com a mesma fantasia de força viril indestrutível e destemida. “O vir não é simplesmente homo; o viril não é simplesmente o homem: ele é antes ideal de força e de virtude, segurança e maturidade, certeza e dominação” (Corbin; Courtine; Vigarello, 2013, p.68). Bolsonaro não falava diretamente para as mulheres, assim como D. Pedro, discursava para o seu exército de seguidores composto exclusivamente por homens. As falas de ambos os líderes eram altivas, sobre coragem e audácia, e ainda que em tempos e contextos absolutamente diferentes, o marco objetivo do reforço da cultura patriarcal é o mesmo.

É importante refletir também que o fascismo tem por atribuição o objetivo de trazer ao mundo um “homem novo”, como já vimos em alguns momentos na história da humanidade.

Definir virilidade é, portanto, em primeiro lugar excluir as antíteses supostas e postas do ser masculino - devendo o homem ser suficientemente inteiro e firme para que ele próprio saiba excluir: excluir o feminino e os de outra raça (...) A virilidade é radicalmente excluída de toda feminilidade (Chapoutot, 2013).

Sob a perspectiva foucaultiana, Judith Butler (2003) diz que os sujeitos são constituídos por uma relação com o contexto histórico e cultural ao qual fazem parte. É impossível pensar a nossa existência sem que se pense no nosso lugar, nas condições morais ou nas verdades que constituíram as nossas identidades. “Não há criação de si fora de um modo de subjetivação” (Butler, 2003, p.43). Ou seja, o discurso que possibilita a construção dos sujeitos como pessoas do gênero masculino é feito em interação com um regime de verdades pré-estabelecidas pela própria cultura e se materializa pelo olhar e concordância do outro, que pode ser o que o observa e dialoga com ele na situação imediata de comunicação, mas também pelos discursos que circulam ao redor e as vozes da cultura, num tempo de longa duração. Nesse sentido, entendemos que no contexto deste artigo, os discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro o tornaram uma referência simbólica de poder e reafirmação desses regimes de verdade para os homens sobre a masculinidade.

No livro *As estratégias sensíveis*, Muniz Sodré (2006) aponta que toda relação comunicativa provoca um reconhecimento entre os interlocutores. Podemos perceber os jogos de vinculações dados pelos atos discursivos a partir dos enunciados de Jair Bolsonaro, pelos quais seus eleitores são afetados pelo que há no interior da linguagem. Trata-se, portanto, de uma relação de reciprocidade e afetação. Sodré cita o filósofo Kant para explicar que uma sensação só pode se tornar comunicável se houver um acordo de afetos. No caso do narrador e do leitor, é necessário esse acordo, que, segundo Kant, cria uma comunidade do gosto e que torna um sentimento universalmente conhecido, comunicável pelo senso comum. Essa é uma estratégia narrativa fundamental para que o texto, ou fala, ganhe maiores proporções de aceitação. Que estratégias sensíveis foram usadas nesses processos de falas incisivamente machistas do ex-presidente?

Mesmo antes de vencer a eleição presidencial de 2018, o bolsonarismo já explicava a possibilidade da ruptura institucional e, portanto, já investia na lógica de afecção como estratégia de criar afinidades a partir da propagação do comportamento de um homem viril, principalmente a partir das redes sociais, para fortalecimento do seu caráter populista (Fernandes *et al.*, 2022). À época, o filho de Jair Bolsonaro, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, publicou um vídeo nas redes sociais em que fazia uma palestra em um cursinho para estudantes candidatos à polícia federal. No vídeo, ele reage a um questionamento sobre a possibilidade de o Supremo Tribunal Federal representar um obstáculo à posse do pai na Presidência da República: “Se quiser fechar o STF, sabe o que você faz? Não manda nem um jipe. Manda um soldado e um cabo. Não é querer desmerecer o soldado e o cabo”⁴.

A partir de Fairclough (2001), podemos dizer que os discursos implícitos são importantes para o estudo da ideologia e para o entendimento da capacidade de determinados grupos sociais exercerem poder e disputarem a hegemonia social. O enunciado chama a atenção pelos implícitos discursivos, que o receptor do vídeo deve recuperar com base em “significados que são compartilhados e podem ser tomados como dados e nenhuma forma de comunicação ou interação social é concebível sem alguma espécie de base comum” (Fairclough, 2001, p. 55). Eduardo Bolsonaro, no breve enunciado citado acima, busca polemizar sobre os limites da atuação dos Poderes da República. Há aí um subentendido que antecipa uma questão-chave dos quatro anos do governo Bolsonaro e faz uma alusão à atuação internacional da extrema-direita, que emprega práticas fascistas que desejam a implementação de regimes autoritários em países, como os casos da Hungria e Turquia.

Para a Análise do Discurso, a interpretação de qualquer texto não se reduz ao texto isoladamente entendido como qualquer tipo de enunciado concreto: carta, vídeo, fotografia, notícia de jornal impresso etc. O enunciado é analisado em seu contexto situacional, que Bakhtin (1997, p. 277) chamou de “gênero”, e conforma o ambiente físico e institucional do proferimento do texto. Nisto está incluída a sua circulação e consumo ou imagem do consumo nesse ambiente. O contexto propriamente dito, como é conhecido o ambiente intertextual explícito ao redor do enunciado onde circulam outros textos que circundam o enunciado ou fragmentos desse enunciado e o contexto das ordens de discurso ou interdiscursos, textos produzidos no mesmo quadro institucional do enunciado analisado ou relativos à mesma área de conhecimento, são mobilizados intertextualmente na interpretação.

A recuperação das pressuposições é realizada por inferências a partir de marcas formais detectadas na superfície do enunciado ou texto, servindo como “gatilhos” (Levinson, 1983) para sua atualização. A pergunta retórica “*Se quiser fechar o STF, sabe o que você faz?*” pressupõe já uma resposta à pergunta sobre o que fazer em caso de haver empecilhos à posse, provocados pelo Poder Judiciário. Essa pressuposição impõe aos receptores presentes na palestra o compartilhamento da ideia de que soluções arbitrárias e contrárias à constituição podem ser necessárias para o desenvolvimento do futuro governo

4 Ver: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/eduardo-bolsonaro-diz-que-basta-um-soldado-e-um-cabo-para-fechar-stf>

Bolsonaro. Uma estratégia de levar a público um desejo comum por via de exaltação de uma força masculinista.

Esses valores ideológicos do bolsonarismo aparecem em diversos momentos da trajetória dos quatro anos de governo. No entanto, nos discursos proferidos por Jair Bolsonaro em 7 de setembro de 2021, eles se manifestam de forma radical, como teorizou Amy Erica Smith⁵ na entrevista concedida à BBC News Brasil. Há uma força histórica nesta data, especialmente sobre essa potência expressa no mito performático da liderança masculina brasileira. Nesse dia, Bolsonaro elevou o tom radical do projeto autoritário de poder, questionando a urna eletrônica e as eleições, exigindo voto impresso e classificando as eleições no país de “farsa patrocinada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE)”.

Todo conjunto de enunciados, selecionado para reprodução literal pelo jornalismo da BBC News Brasil, possui uma relação de sinédoque, a parte pelo todo (Duarte, 2003), com a ideia de que soluções arbitrárias e contrárias à Constituição podem ser necessárias para afastar obstáculos ao governo Bolsonaro. O contexto em que isso ocorre é o de que Bolsonaro recorre aos milhares de apoiadores na grande manifestação política para deixar subentender a estratégia de viabilizar um golpe, caso obtivesse apoio para isso. A busca é por arregimentar pessoas – e aqui, afirmamos novamente: pessoas especialmente do gênero masculino – para a sua causa, mostrar o que poderia e gostaria de fazer se conseguisse mais poder. Como aventou Smith, havia uma tentativa de satisfazer os apoiadores mais radicais, que tinham expectativas em relação a esse tipo de enfrentamento, aqueles que podemos chamar de homens vorazes, masculinistas, envolvidos em um projeto de reforçar a sua condição privilegiada na sociedade hoje em crise (Ambra, 2021).

As formas metonímicas da sinédoque (parte pelo todo) e da antonomásia (tomar um exemplar pela classe) são maneiras habituais de fazermos generalizações na vida cotidiana (Duarte, 2003), muitas vezes sem termos consciência disso. O projeto de um regime de arbítrio e mobilização de apoiadores aparece nos enunciados abaixo. Além disso, há outro subentendido, relativo ao fato de Bolsonaro se apresentar eleitoralmente como “antissistema”, um “não-político”, no sentido de que não faz conchavos de poder, concessões ou conciliações ‘guiadas pela hipocrisia’. Trata-se de uma acepção muito presente no senso comum no Brasil em relação à categoria “político”, e que teve significado fortemente reforçado após os seguidos escândalos provocados pela Operação Lava-Jato.

Vejamos os exemplos: “Quero dizer àqueles que querem me tornar inelegível em Brasília: só Deus me tira de lá”. Eles, o sistema, aqui encarnado pelo STF. “Só saio preso, morto ou com vitória. Quero dizer aos canalhas que eu nunca serei preso”. Reproduzindo a ideologia classificada por Gabriel Feltran (2021) como de “heroísmo” policial no enfrentamento a “bandidos” ou ao “sistema” – um “eles versus nós” que oferta gatilhos de identificações. “A paciência do nosso povo já se esgotou! Nós acreditamos e queremos a democracia! A alma da democracia é o voto! E não podemos admitir um sistema eleitoral que não oferece segurança”. As pressuposições impõem ao receptor que os “outros” ou “eles” manipulam a democracia para impedir o governo Bolsonaro, sendo o processo eletrônico de votação o recurso de manipulação e fraude contra a vontade popular – que caracteriza a democracia e permite com que Bolsonaro se apresente como defensor dela.

5 *Idem* 3

Peço a Deus coragem para decidir. Não são fáceis as decisões. Não escolham o lado do conforto. Sempre estarei ao lado do povo brasileiro. Esse retrato que estamos tendo nesse dia é de vocês. É um ultimato para todos que estão na praça dos Três Poderes, inclusive eu, presidente da República, para onde devemos ir (Bolsonaro, J.)⁶.

Os pressupostos aqui sintetizam a “tese” e dão a ela quase um valor de “resolução mágica”, no sentido de que não há escolha possível para um país “livre” que não seja o reencontro com o destino autoritário. Todos devem, para isso, irmanar-se na ideologia “heroica” e enfrentar o “sistema”.

“A partir de hoje uma nova história começa a ser escrita aqui no Brasil. Peço a Deus mais que sabedoria, força e coragem para bem presidir”⁶. Bolsonaro coloca-se no lugar de líder heroico com a missão de guiar o país. Ou seja, de estabelecer um regime autoritário, mas também de criar um discurso típico de enquadramento da memória (Le Goff, 1990), que retoma a ideia de renovação, de novo mundo, de uma nova história decretada por um único homem, um mito, um herói.

A ideia de que Bolsonaro e os bolsonaristas guiam-se heroicamente por uma luta anti-sistema possui ainda uma dimensão interdiscursiva. A origem dessa ideologia, como vimos com Gabriel Feltran (2021), são os grupos de policiais politizados, quase sempre organizados em facções, que representam a si mesmos numa guerra contra bandidos para proteção da sociedade. Trata-se de um ambiente onde os valores regentes são clássicos da masculinidade viril, como a disposição para o enfrentamento. Toda essa toxicidade masculina ficará mais evidente no evento realizado no ano seguinte, em 7 de setembro de 2022, quando a comemoração da independência do Brasil foi transformada em ato de campanha das eleições presidenciais daquele ano, que já estavam oficialmente em andamento desde agosto de 2022.

A metáfora do ‘Imbrochável’ e o 7 de setembro de 2022

O ambiente político da comemoração da Independência do Brasil no ano de 2022 não tinha um tom de protesto como no anterior, nem foi protagonizado por um Bolsonaro agressivo, fazendo ameaças diretas ao Supremo Tribunal Federal e às instituições democráticas. O clima era de campanha eleitoral. O então presidente procurou instrumentalizar a data festiva e a máquina do Estado em seu favor. No ato de campanha, pouco antes de puxar o coro “imbrochável”, Bolsonaro discursava com críticas misóginas à companheira do candidato Luís Inácio Lula da Silva, seu principal adversário na disputa e que seria

6 Ver: <https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-no-ato-de-7-de-setembro-em-sao-paulo/>

efetivamente eleito em outubro, mesmo com os recorrentes ilícitos eleitorais cometidos por Bolsonaro.

Vamos analisar o trecho do discurso em três segmentos: “Podemos fazer várias comparações, até entre as primeiras-damas. Não há o que discutir: uma mulher de Deus, família e ativa na minha vida. Não é ao meu lado não, muitas vezes ela está na minha frente”⁷. Nesse segmento, Bolsonaro compara a sua esposa à do candidato Lula. O alvo não são temas como “juventude” ou “beleza”, já utilizados em outro momento, quando comparou Michele Bolsonaro à esposa do presidente francês, a quem criticou por ser “feia” e mais velha que Emmanuel Macron. Agora a crítica aparece em meio a implícitos: Michele é “de Deus”, uma mulher “de família”, o que pressupõe que a esposa de Lula, Janja, não seja religiosa nem se comporte segundo a agenda moral conservadora, muito presente nas duas campanhas presidenciais em que Bolsonaro concorreu e que mobilizou em seu favor o expressivo eleitorado evangélico brasileiro.

Trata-se, na verdade, de uma crítica indireta ao ativismo feminista notório de Janja da Silva. “Mulher de Deus” e “mulher de família” constituem formas metafóricas de classificar conservadoramente comportamentos e o mundo (entendido como um universo discursivo coerente). Conectam-se também ao ressentimento contra os avanços do movimento feminista e das minorias em geral (Fassin, 2019), presente no enunciado e em inúmeros outros proferimentos de Bolsonaro.

O discurso de Bolsonaro naquele dia 7 de setembro ficou acessível ao público diretamente pelas redes sociais. Porém, teve ainda grande repercussão midiática pela sua singularidade. Afinal, em plena cerimônia cívica, ele ter puxado o coro “imbrochável” contraria as expectativas sociais sobre comportamento esperado de um chefe de Estado. Antes disso, a forma particular de estruturação da realidade já se expressava nos enunciados mulher “de Deus” e “de família”, o que poderia ter passado em branco para a imprensa, uma vez que são práticas discursivas reiteradas nas comunicações públicas de Bolsonaro. Entretanto, a força ideológica desses enunciados fica mais clara na metáfora que aparece na frase seguinte: “Eu tenho falado para os homens solteiros, os solteiros que estão cansados de serem infelizes: procurem uma mulher, uma princesa, se case com ela, para serem mais felizes ainda”. Bolsonaro e Michele, então, se beijaram na boca.

“Princesa” é a metáfora com que Bolsonaro caracteriza a esposa ideal do “homem feliz”, remetendo a idealizações conservadoras da mulher pensada a partir dos contos de fadas clássicos, vividos nas fantasias das histórias contadas pela *Disney*. Trata-se exatamente de um papel a que heterossexuais do gênero feminino foram historicamente sujeitadas, forçadas a se encaixarem, num sonho romantizado da chegada do príncipe herói, um dos clichês do mundo machista que vem sendo combatido por décadas pelos movimentos feministas. Por outro lado, não se trata de uma subalternização pela desvalorização. Nessa concepção do mundo, a mulher em geral não é hostilizada, apenas as “feministas”. Há um lugar de elogios e reconhecimento para a mulher “princesa”.

Bolsonaro faz, então, uma “concessão tática” (Duarte, 2003) de valorização da esposa, ao dizer que ela segue com ele “não ao lado”, mas que “muitas vezes ela está na

minha frente”. Não é apenas a Michele que o elogio é direcionado, mas a um certo comportamento feminino que está distante do desprezível comportamento feminista. As metáforas são um aspecto da lexicalização pelo uso das figuras de retórica de substituição ou tropos (assim como a metonímia). No livro *Metaphors We Live By*, George Lakoff e M. Johnson (1980) mostraram o papel estruturante das metáforas no modo como pensamos, agimos e construímos conhecimentos e crenças.

As metáforas penetram em todos os tipos de linguagem e em todos os tipos de texto, mesmo nos casos menos promissores, como os textos científicos e técnicos. Além disso, as metáforas não são apenas adornos estilísticos superficiais dos textos. Quando nós significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra. (...) Algumas metáforas estão tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, como consideram extremamente difícil escapar delas em seus textos, pensamento ou ação, mesmo quando se chama atenção para isto. (Fairclough, 2001).

No mundo discursivamente estruturado por Bolsonaro, o privilégio masculino é restaurado e homens felizes seguem acompanhados por essas ditas princesas, que ocupam um lugar em que são valorizadas pelos homens por apoiá-los. Há um amplo registro de episódios misóginos que ilustram a distância entre o lugar ocupado pelas “princesas” e aquele ocupado por mulheres que pretendem conduzir a vida orientadas pelas lutas feministas ou, ao menos, com autonomia em relação aos homens.

Em março de 2011, no programa CQC, a cantora Preta Gil grava a seguinte questão: “Deputado Jair, se seu filho se apaixonasse por uma negra, o que você faria?”. Bolsonaro responde: “Ô Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. E meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambiente como, lamentavelmente, é o teu”⁸.

Bolsonaro, como vemos, estende as fronteiras da categoria “mulher de família”, deixando entrever que, além de cis-heteronormativa, a família também é branca ou, ao menos, não-miscigenada. Assim, a possibilidade de seus filhos brancos terem um relacionamento com uma mulher negra é classificada como “promiscuidade”. O racismo nada velado neste proferimento não é apenas parte da personalidade do político, mas uma fronteira erigida como parâmetro para relacionamentos sociais do seu projeto conservador para o país, que envolve gênero, sexualidade e raça. Além disso, diante da pergunta-provocação de uma mulher negra e assumidamente autônoma em sua sexualidade, a resposta deve ser o insulto, para explicitar a subalternidade dela. Sobre esse fato podemos ressaltar ainda as diferentes formas de opressão que cruzam o corpo da mulher negra. A fala de Bolsonaro marca o corpo de Preta Gil no lugar de marginalização e violência interseccional de que fala Patrícia Hill Collins (2021). Preta não sofreu apenas misoginia neste episódio, mas simultaneamente ela foi violentada por sua cor a partir de

um sistema de poder, como a matriz masculinista heteronormativa que marca a desigualdade de gênero e portanto, a perversidade em poder dizer o que se deseja, sendo não diferente do comum, racista.

Outro episódio bastante divulgado ocorreu com a deputada federal Maria do Rosário, no Plenário da Câmara, em 9 de dezembro de 2014. A deputada havia realizado um discurso em defesa da responsabilização criminal dos torturadores da ditadura militar. Bolsonaro então tomou a palavra. Quando Maria do Rosário deixava o Plenário, Bolsonaro a insultou: “Não saia não, Maria do Rosário, fique aí. Há poucos dias, você me chamou de estuprador no Salão Verde e eu falei que eu não estuprava você porque você não merece. Fique para ouvir”⁹.

No dia seguinte, em entrevista ao jornal Zero Hora, Bolsonaro esclarece: “Ela não merece porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece”¹⁰. Maria do Rosário, então, parece não atender a estética das princesas, sendo “feia” e “vagabunda”, insultos utilizados por Bolsonaro na agressão inicial, em 2003. Subjaz nesse episódio a ameaça à masculinidade de Bolsonaro, que foi confrontado por uma mulher. Soma-se ainda o fato de ela ser uma mulher de esquerda, ativa militante contra o autoritarismo da ditadura militar, portanto, ela integra o rol de personagens identificados como “bandidos” nessa ideologia policialesca, como vimos com Feltran (2011).

Interessante que o termo estuprador é seletivamente contestado por Bolsonaro. Ele “não é estuprador”, mas assume a virilidade como forma de atuação sexual. Bolsonaro agencia os signos da virilidade, força, disposição e superioridade masculina no ato sexual. Ele seria capaz de estuprá-la se ela fosse sexualmente atraente. A agência feminina, por outro lado, é irrelevante no eventual relacionamento sexual. Não significa que Bolsonaro esteja se colocando como estuprador. Ele apenas diminui a importância do consentimento (e do prazer) feminino. O ato sexual poderia ser efetivado apenas como um ato de força do homem, se ele desejasse. Preta Gil e Maria do Rosário são metonímias de fronteiras a serem afirmadas, de comportamentos femininos a serem rejeitados, de desrespeito a normas de masculinidade hegemônicas, defendidas por meio de insultos.

Há ainda uma sequência de agressões a jornalistas. Em fevereiro de 2020, questionado por Patrícia Campos Mello sobre possíveis irregularidades na campanha eleitoral, Bolsonaro diz que ela “queria dar o furo”¹¹. A repórter da TV Vanguarda de Guaratinguetá perguntou sobre o fato dele não estar usando máscara, em 21 de junho de 2021 (quando vigia uma lei do estado de São Paulo que obrigava o uso do artefato). Bolsonaro, então, mandou a jornalista “calar a boca”. Perguntado sobre o escândalo dos contratos do imunizante Covaxin pela jornalista Victoria Abel, da Rádio CBN, Bolsonaro responde que

9 Ver: Uma boa reconstituição dos episódios, inclusive com vídeos das agressões verbais, pode ser vista em: <https://jovempan.com.br/programas/editorial-punicao-para-bolsonaro.html>

10 Ver: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/12/Jair-Bolsonaro-repete-que-nao-estupra-Maria-do-Rosario-porque-ela-nao-merece-4659789.html>

11 Ver: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml>

ela “deveria na verdade voltar para o ensino médio, depois para o jardim de infância e aí nascer de novo”¹². Daniela Lima, então na CNN Brasil, foi chamada de “quadrúpede”¹³.

Todos esses xingamentos são a performance social dos sentidos da diferença na concepção de mundo masculinista, oligárquica e autoritária do projeto bolsonarista de identidades rígidas, fixas, de nação-classe-gênero-raça-família-religião. Esses insultos são reações de violência simbólica não apenas àquelas mulheres atacadas. Metonimicamente, elas representam estilos de vida e comportamentos que ameaçam e desestabilizam fronteiras identitárias. Elas são inimigos do gênero, da família, da raça, enfim da ordem que se quer hegemônica.

Podemos agora retornar à metáfora da princesa expressa no discurso de 7 de setembro de 2022. Em seguida a essa “valorização” da “mulher de família”, um coro começa a exaltar sua posição de macho, herói e conquistador: “Obrigado meu Deus...”, Bolsonaro é interrompido por parte da plateia. Abre um sorriso e se dirige à multidão e, então, balança pendularmente o dedo indicador esquerdo como se regesse um coral e inicia o coro: “imbrochável...”

O enunciado inicia-se com a série de subentendidos. “Segunda vida” é uma alusão ao atentado sofrido na campanha eleitoral de 2018, episódio reiteradamente lembrado por ele em discursos públicos, o que facilita a recuperação do acontecimento pelo receptor. Ao agradecer a Deus pela “missão”, Bolsonaro acrescenta valores ao ato de ter seguido, sido eleito e governar. Isso seria um ato de “heroísmo” e “abnegação a uma causa salvacionista do Brasil”. Bolsonaro oferece um gatilho de empatia mas também de identificação com a ideologia policial salvacionista.

Não à toa, quando está em meio a essa auto-exaltação, o coro “imbrochável” tem início e vai se espalhando mediante a regência do próprio Bolsonaro. As metáforas “princesa” e “imbrochável” constituem um mesmo sistema de valores, relacionam-se com fantasias masculinas de virilidade, poder e dominação. Essa metáfora é ainda potencializada por dois aspectos. Primeiro, pelo discurso que Michele Bolsonaro fará em seguida, não reproduzido nesta análise, que estava carregado de metáforas religiosas e acenos positivos à agenda conservadora de costumes presentes no universo evangélico brasileiro. Em segundo lugar, pelo caráter de entretenimento que Bolsonaro deu ao ato de campanha que se misturava à comemoração cívica do país. O ato oficial, público, é reduzido a um ato privado, de exaltação narcísica, exibicionismo machista e carregado de deboche.

Trata-se do aspecto apontado por Fairclough (1989) de que o uso linguístico incorpora visões específicas, ou teorias sobre a realidade. As convenções do discurso podem encerrar ideologias naturalizadas que as transformam num mecanismo de preservação de hegemonias. Isso nos remete a uma segunda característica ideológica fundamental que diz respeito ao fato de o universo dos discursos produzidos numa sociedade se organizar em séries ou redes discursivas. Assim, há paradigmas e conceitos que estruturam

12 <https://blogdacidadania.com.br/2021/06/bolsonaro-segue-respondendo-perguntas-incomodas-com-insultos/>

13 Ver <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/bolsonaro-xinga-daniela-lima-de-quadrupede-cnn-brasil-reage-ataque-58631?cpid=txt>

práticas discursivas em modos particulares nas ordens do discurso, nas quais as significações se naturalizam e ganham ampla aceitação, como uma forma de hegemonia.

Dessa forma, trata-se de entender a teoria formada por essa série e rede de sentidos que subjazem às palavras e práticas discursivas dos atores e que nos levam a apontar a convergência do discurso de Bolsonaro à naturalização do comportamento colonial-escravista brasileiro. A história da colonização é marcada como um empreendimento rude e essencialmente branco e masculino, que não poderia estar melhor representado que na metáfora “imbrochável”. Essa metáfora é potencializada pela clara intimidade e familiaridade esboçadas por Bolsonaro, também representadas no uso de uma estética do entretenimento para gerar identidade com o público. Trata-se ainda de uma estética própria à “lacrção” presente nas redes sociais, utilizadas pelo bolsonarismo como principal meio de propaganda política e interação pública. Como propõe o filósofo Byung-Chul-Han (2022b, p. 37), a desinformação gera mais atenção do que os fatos nas redes sociais em razão da “comunicação afetiva”, entre outras razões, porque essas informações com maior potencial de estimular “prevalecem sobre os melhores argumentos”.

Considerações finais

A forma de entretenimento na regência do coro “imbrochável” por Bolsonaro é, portanto, constitutiva da mensagem, expressando uma teoria sobre o mundo e reforçando a dimensão colonialista do discurso. É certo para nós, de acordo com Frantz Fanon (2020) que o colonialismo tem grande influência na linguagem sob uma complexa produção de estigmatização de identidades em prol da manutenção do espaço privilegiado dos homens brancos que buscam legitimar sua dominância. Portanto, é também essa cultura colonialista branca que referenda e dá veracidade e poder a uma palavra inventada como imbrochável, não existente como sintaxe da tradicional da língua portuguesa, mas que, ao ser dita, está carregada de valores patriarcais que despertam essa força masculina heteronormativa desejada.

E onde esse pensamento colonial nos leva? A metáfora também é criação de nova significação e está associada ao “sintoma”, como nos mostrou Lacan (1998). Sintoma da mitologia masculina de que existe um ser supremo, um super-homem, que está fora da ameaça da castração. Esse ser supremo pode ser a pátria, Deus, família ou também um líder heróico capaz de se apresentar como a referência simbólica da reafirmação de regimes de verdade sobre a masculinidade. Alguém capaz de liderar uma revolução contra aquilo que Freud em 1930 chamou de “mal-estar”, em especial ao provocado pelas leis. As mesmas leis que limitavam o uso da máquina pública na campanha política da reeleição de Bolsonaro, mas, principalmente, leis que permitiram a ampliação dos direitos e impuseram a tolerância a gays, lésbicas, pessoas trans, negros, mulheres e a todos os grupos minorizados.

Na célebre conferência realizada num simpósio organizado na Columbia University, o pensador italiano Umberto Eco (2022) cunhou o termo “fascismo eterno” (ou Ur-Fascismo), para classificar elementos constitutivos de comportamentos totalitários ou autoritários, para que pudéssemos ter consciência da difusão das características de um comportamento que podemos passar a classificar de fascista. Esses elementos não estão presentes como sistema em nenhuma das formas históricas do fascismo, mas a presença de uma dessas características é suficiente para se formar “uma nebulosa fascista” (Han, 2022a, p. 37).

Entre as características listadas estão o culto da tradição, recusa da modernidade, culto da ação pela ação, exacerbação do medo da diferença, nacionalismo, recusa do pacifismo etc. Mas chama atenção a perspectiva da “mitologia do herói”, em que o heroísmo é a norma. Em seguida, Eco explica que o difícil jogo da guerra e do heroísmo faz com que o Ur-Fascista transfira “sua vontade de poder para questões sexuais. Esta é a origem de seu machismo (que implica desdém pelas mulheres e uma condenação intolerante de hábitos sexuais não conformistas, da castidade à homossexualidade)”. Porém, segue o pensador italiano, o sexo também é um jogo difícil de jogar. Assim, “o herói Ur-Fascista joga com as armas, que são seu *Ersatz* fálico: seus jogos de guerra se devem a uma *invidia penis* permanente”.

Não se trata aqui de discutir ou concordar com o uso de categorias como “inveja do pênis”, presentes na citada conferência de Umberto Eco, datada de 1995. A importância real da teorização de Eco é mostrar que o investimento fálico em armas e o desprezo ressentido aos grupos de gênero não heteronormativos, que caracterizaram o governo Bolsonaro, conformam a metáfora “imbrochável”. Essa metáfora é, assim, o “sintoma social” da emergência e difusão de um elemento fascista que se manifesta nas práticas discursivas de Bolsonaro. O uso desse elemento discursivo fascista como um “gatilho de identificação” parece reforçar uma liderança que ajudou a nomear e a tornar aceitável no Brasil esse comportamento ancorado na masculinidade tóxica.

Representante da extrema-direita na cena política brasileira, Bolsonaro tem usado sua influência para atacar as instituições democráticas, degradar conquistas civilizatórias dos grupos sociais minoritários e tentar impor uma espécie de “ditadura popular”. Derrotado nas Eleições Gerais de 2022, tornado inelegível pelos ilícitos eleitorais, encontra-se ameaçado de prisão, por suspeição de cometimento de diversos crimes. Bolsonaro deixa como herança a masculinidade fascista e tóxica como elemento de identidade difusamente espalhada em pelo menos 30% da população que integra o núcleo de apoio ideológico do bolsonarismo. O episódio da metáfora “imbrochável”, embalada nas cores do entretenimento e pelo delírio de uma multidão, foi parte de um capítulo simbólico de que o bolsonarismo passou a representar como estratégia autoritária de poder, que promete perdurar para além da sobrevivência política do próprio personagem Jair Bolsonaro.

REFERÊNCIAS

- AMBRA, Pedro (org.). **Cartografias da masculinidade**. São Paulo: Cult editora, 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Ed. Filosófica Politeia, 2019.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHAPOUTOT, J. Virilidade fascista. In: COURTINE, J-J. CORBIN, A.; VIGARELLO, G. História da virilidade. Vol. 3. **A virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs). **História da virilidade**. (1. A invenção da virilidade, da antiguidade às Luzes). Petrópolis: Ed: Vozes, 2013.
- DUARTE, Maurício da Silva. **Cidadania obstruída – jornais cariocas e a cobertura da criminalidade urbana violenta no Rio**. Tese de doutorado, ECO-UFRJ, 2003, inédita.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London and New York: Longman, 1989.
- _____. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2022.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FASSIN, Éric. **Populismo e ressentimento em tempos neoliberais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2019.
- FELTRAN, Gabriel. **A política como violência**. Terceiro Milênio, v. 17, n. 2, p. 228-257, 2021. Disponível em: <https://revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/215>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- FERNANDES, C. M. et al. #7desetembro: Independência, golpe ou disputa de narrativas nas redes sociais on-line? **Ecompós**, v. 25, publicação contínua, p. 1-25, 2022. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2652>. Acessado em: 24 abr. 2023.
- HAN, Byung-Chul. **Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2022a.
- _____. **Infocracia – digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2022b.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1990.
- LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MUNIZ, Sodrê. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2006.
- PIMENTA, João Paulo et al. A Independência e uma cultura de história no Brasil. **Almanack**, v. no 2014, n. 8, p. 5-36, 2014. Disponível em: <http://www.almanack.unifesp.br/index.php/almanack/article/view/1240>. Acesso em: 22 abr. 2023.

SMITH, A. E., 7 de setembro: **Bolsonaro faz Brasil parecer república das bananas.** BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58485310>. Acesso em: 11 set. 2023.

BOLSONARO, J. M. **Discurso 7 de setembro de 2021.** BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uSL-cWPtvuY>. Acesso em: 11 de set. 2023.

BOLSONARO, J. M. Íntegra do discurso de 7 de setembro de 2022. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oGF1oDOEGAU> . Acesso em: 11 de set. 2023.

1 Discurso realizado em comemoração ao 7 de setembro de 2021.

2 SMITH, Amy E. 7 de setembro: Bolsonaro faz Brasil parecer república das bananas, diz analista dos EUA. Entrevista concedida à Mariana Sanches. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58485310>

3 Ibidem

4 Ibidem

5 Força-tarefa da Polícia Federal do Brasil organizada em março de 2014 com objetivo de investigar casos de corrupção nos governos do Partido dos Trabalhadores e que sofreu, mais recentemente, por ação do Ministro do STF Dias Toffoli, a anulação das provas obtidas no acordo de leniência por terem sido produzidas fora dos canais legais da justiça.

6 Ibidem

7 Trecho do discurso feito por Jair Messias Bolsonaro no dia 7 de setembro de 2022 enquanto ocupava o cargo de presidente da República.